

# **O Capital – Crítica da Economia Política**

## **Capítulo 4**

### **Transformação do dinheiro em capital**

# Resumo do capítulo III sobre o dinheiro

Na análise do dinheiro, Marx distingue:

Funções básicas do dinheiro: medida de valores e meio de circulação. D é aqui o meio que permite a produção e a circulação mercantil; ambas funções têm como referência, estritamente,  $M - D - M$ .

Funções do dinheiro como fim: entesouramento e meio de pagamento. Aqui D permite **interrupções e a acelerações da circulação e da produção mercantil**; ambas as funções mostram já uma transição entre  $M - D - M$  e  $D - M - D'$

# Anotações

Notem que o entesouramento permite a acumulação “absolutamente social da riqueza” ou do “penhor social”.

E que a função de meio de pagamento implica a acumulação das dívidas e dos créditos, ou seja, penhores privados.

Notem que acumulação aqui mostra já a subordinação concreta do homem ao valor (o dinheiro perde mais um pouco da sua “inocência”).

# O vem agora?

Agora, o dinheiro vai aparecer como **forma e momento do capital** – ou seja, dinheiro como capital (valor que se valoriza; sujeito automático, fim por si mesmo).

Aqui a referência da análise vem a ser

**D – M – D'.**

# Aparência e essência

Notem que  $M - D - M$  e  $D - M - D'$  são formas da circulação de mercadorias que coexistem na economia mercantil capitalista.

$M - D - M$  é forma da aparência e  $D - M - D'$  é forma que manifesta a essência.

Tem-se, portanto, mais uma vez, uma unidade de contrários.

# Transformação do dinheiro em capital

Este capítulo é composto por **três seções**:

1. A fórmula geral do capital;
2. Contradições da fórmula geral;
3. Compra e venda de força de trabalho.

# A fórmula geral do capital

Nessa seção, Marx estuda o circuito

D – M – D

(sem linha, por enquanto)

# Pressuposto histórico

Marx começa pelo pressuposto histórico do capital:

“A circulação de mercadorias é o **ponto de partida do capital**. Produção de mercadorias e circulação desenvolvida de mercadorias, comércio, são os pressupostos históricos sob os quais ele surge. Comércio mundial e mercado mundial inauguram no século XVI a moderna história da vida do capital.”



# Pressuposto lógico

Passa logo depois para os pressupostos lógicos do capital:

“Abstraiamos o conteúdo material da circulação de mercadorias, o intercâmbio dos diferentes valores de uso, e consideremos apenas as formas econômicas engendradas por esse processo, então encontraremos como **seu produto último o dinheiro**. Esse produto último da circulação de mercadorias é a **primeira forma de aparição do capital**.”

# Formas de circulação

“Dinheiro como dinheiro e dinheiro como capital diferenciam-se primeiro por sua forma diferente de circulação.”

Ou seja:  $M - D - M$  e  $D - M - D$ .

# Identidade e diferença

$D - M - D$ , tal como  $M - D - M$ , têm duas fases antitéticas que formam uma unidade:

$D - M$  e  $M - D$ .

No primeiro, porém, “o resultado, em que todo o processo de apaga, é a troca de dinheiro por dinheiro,  $D - D$ ”. Isto já mostra que “seria insosso [...] **permutar o mesmo valor em dinheiro por igual valor em dinheiro [...]**”

# Identidade

“Examinemos, antes de tudo, o que é comum a ambas as formas”.

“Ambos os ciclos se decompõem nas **mesmas fases contrapostas**, M – D, venda, e D – M, compra. Em cada uma das duas fases se confrontam ... **mercadoria e dinheiro** – duas pessoas, nas mesmas mascaras econômicas, um comprador e um vendedor...”

# Diferença

“O que, no entanto, separa de antemão ambos os ciclos M – D – M e D – M – D é a sucessão inversa das mesmas fases contrapostas de circulação...”

Ora, os fins são diferentes e os personagens mudam: **o que as mascaras econômicas escondem?**

# Vai e volta: o refluxo

Eis que  $D - M - D$  envolve um **refluxo do dinheiro** e esse refluxo indica já a diferença entre o **dinheiro como dinheiro** e o **dinheiro como capital**.

“Na circulação  $M - D - M$ , o gasto do dinheiro nada tem, pois, a ver com seu refluxo. Na circulação  $D - M - D$ , pelo contrário, o refluxo do dinheiro é determinado pelo modo de seu próprio gasto. **Sem esse refluxo, a operação está fracassada...**”

# Lógica de crescimento

Esse refluxo não é trivial, mas possui inerentemente uma lógica de crescimento:

“A forma completa desse processo é, portanto,  $D - M - D'$ , em que  $D' = D + \Delta D$ , ou seja, igual à soma de dinheiro originalmente adiantado **mais um incremento.**”

# A mais-valia

“Esse incremento ou o excedente sobre o valor original, [eu o] chamo de – mais-valia (surplus value). O valor originalmente adiantado não só se mantém na circulação, mas altera nela a sua grande de valor, acrescenta mais-valia ou se valoriza.”

“E esse movimento transforma-o em capital”.



# Uma primeira nota

Notem, agora, que o sentido de  $D - M - D'$  só se revela inteiramente na seguinte fórmula que envolve **ciclos descontínuos e fechados compondo um "ciclo aberto" e contínuo:**

$$\begin{aligned} & D - M - D' \dots D' - M - D'' \\ & \dots D'' - M - D''' \dots D''' - M - D'''' \\ & \dots D'''' - M - D'''''' \dots D'''''' - M - D'''''''' \dots \end{aligned}$$

# Uma segunda nota

Notem que há ciclos  $M - D - M$  dentro desse "ciclo" aberto. Notem que  $D - M - D$  não poderia existir se não houvesse, também, ciclos  $M - D - M$ . Tem-se aqui já uma expressão da **contradição em processo**: processo de valorização por meio de um processo de produção de valores de uso.

# Nas palavras de Marx

“Dinheiro surge de novo no fim do movimento como seu início.”

“O fim de cada ciclo individual, em que a compra se realiza para a venda, constitui, portanto, por si mesmo o início de novo ciclo.”

“A circulação simples de mercadorias – a venda para a compra – serve de **meio para um objetivo final que está fora da circulação**, a apropriação de valores de uso, a satisfação de necessidades.”

# O capital é insaciável

...um objetivo final que está fora da circulação...

Que objetivo?

“A circulação do dinheiro como capital é, pelo contrário, uma **finalidade em si mesma**, pois a valorização do valor só existe dentro desse movimento sempre renovado. Por isso **o movimento do capital é insaciável**”.

# O capitalista

“Como portador consciente desse movimento, o possuidor de dinheiro torna-se capitalista. Sua pessoa, ou melhor, seu bolso, é o ponto de partida e o ponto de retorno do dinheiro. O conteúdo objetivo daquela circulação – **a valorização do valor** – **é a sua meta subjetiva**, e só enquanto apropriação crescente da riqueza abstrata é o único motivo indutor de suas operações, ele funciona como capitalista ou capital personificado, dotado de vontade e consciência.”

# Uma advertência

“O valor de uso nunca deve ser tratado, portanto, como meta imediata do capitalismo. Tampouco o lucro isolado, mas apenas o incessante movimento do ganho.”

# O demente e o racional

“Esse impulso absoluto de enriquecimento, essa caça apaixonada ao valor, é comum ao capitalista e ao entesourador, mas enquanto o entesourador é apenas o capitalista demente, o capitalista é o entesourador racional.”

“A multiplicação incessante do valor, pretendida pelo entesourador ao pretender salvar o dinheiro da circulação, é alcançada pelo capitalista mais esperto ao entregá-lo sempre de novo a circulação”.

# Dinheiro e mercadoria como formas do capital

Na circulação simples, a forma dinheiro assumida pelo valor das mercadorias media apenas o intercâmbio.

“Na circulação  $D - M - D$ , pelo contrário, [...] mercadoria e dinheiro funcionam apenas como modos diferentes de existência do próprio valor; o dinheiro é o seu modo geral e a mercadoria é o seu modo particular, por assim dizer apenas camuflado, de existência.”



# Sujeito automático

O capital “passa continuamente de uma forma para outra, sem perder-se nesse movimento, e assim se transforma num **sujeito automático**.

[...] De fato [...] o valor se torna aqui o **sujeito de um processo** em que ele, por meio de uma **mudança constante das formas de dinheiro e mercadoria, modifica a própria grandeza.**”

# Autovalorização

Como ele a modifica?

“Enquanto mais-valia se repele de si mesmo; enquanto valor original, se **autovaloriza**. Pois o movimento, pelo qual ele adiciona mais-valia, é seu próprio movimento, sua valorização, portanto, autovalorização”.

# Dinheiro: forma privilegiada

“Como sujeito usurpador de tal processo, em que ele ora assume, ora se desfaz da forma dinheiro e da forma mercadoria, mas se conserva e se dilata nessa mudança, o valor precisa, antes de tudo, de uma forma autônoma, por meio da qual sua identidade consigo mesma é constatada. E essa forma ele só possui no dinheiro.”

# A amizade do dinheiro e da mercadoria

“Mas o próprio dinheiro vale aqui apenas como uma forma do valor, pois ele tem duas. Sem assumir a forma de mercadoria, o dinheiro não se torna capital. O dinheiro não se apresenta aqui, portanto, polemicamente contra a mercadoria, como no entesouramento.”

# Transição

Nessa seção, Marx fez uma análise qualitativa do movimento do capital. Examinou, por isso,  $D - M - D$ .

Mas se trata mesmo de  $D - M - D$ ?

Não simplesmente; de fato,  $D - M - D'$ , um movimento quantitativo.

# Um final feliz?

Notem que o valor de uso é a meta mediata e que o valor é que é a meta imediata do capitalismo. Notem, também, que essa última meta desdobra-se infinitamente no tempo. Pode-se pensar, então, em fechamentos possíveis para o “ciclo aberto e infinito” do capital:

*D ex-ante* passa a ser igual a *D ex-post*  $\Rightarrow$  estado estacionário

D é suprimido historicamente pela luta  
D se auto aniquila (fim da humanidade).